

O RABUGENTO

PERIODICO LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

POR UM ANNO. . . . 10\$000 — POR SEIS MESES . . . 5\$500 — POR TRES MESES. . . . 3\$000

TYPOS.

O VENDEDOR DE ESCRAVOS.

III.

O Brasil é um paiz novo, e de grandes esperanças. Dotado magnificamente pela natureza, possue em seu solo virgem, todos os elementos de grandeza e prosperidade.

Tem caminhado muito em pouco tempo, mas está ainda muito distante da meta a que poderia ter chegado.

Colhido de sobresalto por uma emancipação para que não estava convenientemente preparado, teve de lutar sem descanso contra as idéas estacionárias do passado, e conquistar palmo a palmo o terreno em que plantou a arvore do progresso, que por mais de uma vez tem sido quasi suffocada pelos espinhos da rotina e ignorância.

O principal motor da civilisação de um povo, é a instrucção. Não a instrucção superior que muito poucos alcançam; mas a instrucção elementar, diffundida entre as mais infimas classes da sociedade; que ensina o operario, o lavrador, etc., a conhecer os seus verdadeiros interesses e prepara as gerações para um futuro de bem-estar material que só o progresso intellectual pôde dar.

Em referencia ao Brasil confirma-se este axioma em toda a sua plenitude...

Da falta quasi absoluta de instrucção da grande massa da população resulta pela maior parte o atraso em que ainda nos achamos.

Se exceptuamos as capitais das províncias e uma ou outra cidade mais importante, a instrucção popular é nulla.

A intelligencia do nosso povo é como a terra que habita; virgem e fértil, só espera pela semente para produzir; precisa, porém, que o cultivador seja habil, afim da colheita ser proveitosa.

Os seus instintos são bons; eduquem-o, dêm-lhe alimento intellectual e elle em pouco tempo terá chegado ao nível das nações mais civilisadas.

O primeiro passo a dar para conseguir esse desideratum é acabar com a escravatura.

E' preciso que todos tenham interesse no adiantamento futuro do paiz.

E' necessário destruir o ponto de contacto que ha entre a população livre e a escrava.

O escravo, destinado a viver e morrer atado ao jugo,

sem direito de pensar, sem laços de familia ou amor patrio considera a vida como um fardo pezado que carrega em proveito do senhor; não tem crenças nem aspirações no futuro, e apenas espera na morte como um termo aos soffrimentos. Quanto mais embrutecida tiver a intelligencia mais feliz será.

Que importa ao escravo que as idéas proguidam, que os conhecimentos uteis se propaguem que d'ahi resulte o bem estar, se não é por si nem para seus descendentes.

Este raciocínio que elle não exprime, mas que se descobre instinctivamente no fundo de todas as suas ações, acaba por contaminar a parte mais numerosa e menos ilustrada da sociedade livre.

Desse pensamento criminoso provém a indifferença com que olhamos para o porvir, com que procuramos ou acolhemos os melhoramentos aconselhados pela experiença, e em resultado a dependencia em que nos achamos, dependencia tanto mais vergonhosa que se estende aos generos alimentares de primeira necessidade, e até aos productos do solo !

A influencia do escravo sobre os costumes da população com que se acha cofundido, é agora, mais que nunca, prejudicial; porque a marcha progressiva das idéias civilizadoras, destruindo o prejuizo que fazia considerar o escravo como um ente excepcional destinado ao trabalho e com o qual não podia haver outro contacto, senão o que existe entre o obreiro e os instrumentos de que se serve, aproximou-o insensivelmente do resto da sociedade; com a qual se acha em continuas relações, infiltrando-a de seus vicios e ruins paixões, adormecidas pelo rigor, mas sempre promptas a despertar com violencia.

O dia em que o Brasil abolir a escravatura, terá dado o passo definitivo para entrar na senda do progresso; e o resultado será o desenvolvimento intellectual e material, a que até hoje debalde tem procurado atingir.

Mas, hoje para que a emancipação dos escravos produza os resultados benéficos que della se devem esperar, é preciso que seja antecipada por medidas preparatórias; é preciso que essa multidão de individuos, liberta de um momento para outro, se não desvairie; é preciso que esses milhares de braços sejam aproveitados a bem das necessidades do paiz que os agasalha, e para quem dessa data em diante devem ser um elemento poderoso de prosperidade.

A. P.—a.

POESIAS.

ILLM. SRÀ. D. MARIA CORREA DA ROCHA VEIGA, PELO
INFAUSTO PASSAMENTO DO SEU ESTIMAVEL ESPOSO,
LUIZ PEDRO VEIGA, NO DIA 1º DE SETEMBRO.

Muda a voz, cede ao silêncio,
O seu poder eloquente;
Quanta dor o peito sente,
Exprime o labio convulso!
Curvada a fronte abatida,
Para o chão triste pendida,
Cede da magoa ao impulso!!

Dobra-se o fragil joelho,
Sobre a lage do sepulcro;
Esse pesado envolucro,
Que serve a alma de espelho!
A dor ao acto preside,
No palacio em que reside,
Da morte o grande conselho!

Parece que o pranto falla
Em cada gota que cahé;
Do peito que solta um si,
Parece que a fibra estala!...
A vista turbada vaga,
A dor a razão esmaga,
Quando o nosso peito cala.

Eis como resiste quem
No mundo perdido e só,
Cebrindo o corpo de dó,
Cobre sua alma tambem.
O rosto as dôres traduz,
Quem lhe fala reproduz,
O pranto que sempre tem.

Por isso... tarde... aqui venho,
Dizer-vos meu sentimento!
Sei dar valor ao tormento
Que a mesma dor tambem tenho...
Cumprir um dever sagrado,
Limpar o rosto banhado,
Eis, Senhora, o meu empenho.

Rio, 24 de Setembro de 1862.

H. H. COUTINHO.

O PRISIONEIRO.

Como é bello de gosar-se,
Como é bello appreciar-se
O ar fresco da manhã!
Nascer a aurora brillante
Em seu carro triunphantc,
Bella sempre, e mui louçã.

Out'ora eu era feliz;
Do campo o verde matiz
Eu sabia appreciar.
Tinha meu vergel com flores,
Tinha meus santos amores,
Vivia só para amar!...

Via o sol no horizonte
Surgindo por tráz do monte
A lua ao dia trazer;
E as sabiás feiticeiras,
Trinando notas fogueiras
Que o pranto fazem verter!

Via á tarde o mar irado
Pelos ventos açoitado
Nas rochas as ondas quebrar;
E o batel co'a cheia vela
Fugindo então da procella
Na praia vir aportar,

Via o sol, quando cançado
De muito já ter andado,
No poente se esconder;
E da lua luminosa,
Tão bella quanto formosa
Os raios apparecer.

Cuidava nos meus amores
No meu futuro de flores
Que a vida me prometia!...
Escutava o juramento
Que à face do firmamento
A minha bella fasia!

Hoje, preso e abandonado,
Pelos homens desprezado,
Desejo a vida acabar!
Não mais tenho meus amores
Nem mais meu vergel com flores
A vida me faz amar.

Rio, 25 de Setembro.

RIVERA.

RECORDAÇÃO.

Lenge te envio... fallai por mim
Poesia de amor e de lembrança.

DO AUTOR.

A noite era bella e o manto da lúa
Cobria pomposo da terra os pomares;
E eu acordado na praia chorando
Na Bahia fallava, pensando nos mares.

Olhava mui triste da beira na praia
As ondas tão bravas barulho fazer,
Quando vi derepente correr á meu lado
Mathilde formosa com tanto prazer!

Chegou junto á mim tão meiga, tão bella!
Um sorriso divino de amor e paixão
Imprimio no meu peito, com tanta docura
Que senti palpitar o meu coração.

Seus olhos brilhantes em mim se fitaram,
Seu peito de virgem no meu encostava;
Seus braços mimosos meu peito enlaçando
Contente e risonha canções murmurava.

A voz de um anjo do céo eu ouvia,
Tinir tão suave nos tympanos meus,
Fiquei encantado de tanta alegria
Que olhava com fé dizendo: — meu Deus!
Sentei-me bem junto da deusa Mathilde,
E ella cravou-me com tanto fervor
Sem medo e sem pena do meu coração,
Uma seta fiel de um puro amor.
Senti uma dor que nunca sentira,
No peito constante que lhe offertava,
Senti os meus olhos fechar-se de sono;
Cahir no seu collo sómente faltava.
Um sonmo sereno em mim occultou-se;
Um sonho amoroso meu peito abrangia;
Acordei assustado! estava deitado
No collo da virgem, e quasi era dia.
Estava mui fria, porém acordada,
Velava sómente o seu terno amante,
Meu Deus! que paixão! que doce harmonia
Mathilde mostrava no terno semblante!
Abriu os seus labios de puros encantos
E disse chorando abraçada commigo:
Adens-meu amor, por ti morrerai;
E's tú minha vida, feliz sou contigo.
Chorei! senti dor! tomei suas mãos
Apertei-as com força no meu coração,
Meu peito, meu cerebro, meu todo sofría
De dor, de saudade, de terna paixão.
Soltei as mãosinhos da virgem do céo;
Com fé eu lhe disse de um trovador:
E's miúha Mathilde, te juro por Deus,
Que na terra e no céo teremos amor.

Por A. R. BESOURCY.

RATICES DA SEMANA

Rio, 4 de Outubro de 1862.

Sr. redactor do *Rabugento*.

Entre as inúmeras pragas que flagellam a triste humanidade, existe uma, que só por si, equivale a todas as outras.

Lendo este período, estou certo que o meu amigo redactor começa a dar tractos à imaginação para saber qual a praga de que fallo.

Debalde se causa, se eu lhe não disser o que é, fica em jejum. Imagine o que pode haver de mais horrível e assim mesmo errará longe de acertar.

E peior do que os tocadores ambulantes e do que os baratas e mendigos que nos atropelam nas ruas, e descomponem quando lhe não damos esmola; peior do que um tocador de clarineta, do que um bânto de charutos, do que um actor passando benefício, do que a ópera nacional, do que um chronicista sem espírito, e até peior do que mulher velha ciumenta!

Não adivinha? Pois é... é um compadre.

Admira-se? Ali vai a prova.

Hoje às nove horas da manhã, hora em que costumo começar o segundo sono, acordei ao som vibrante da campanha, e de uma voz esganicada, que gritava na porta do quarto: Oh nonhô! nonhô! Felisberto! abra depressa. Lavan-o-me espantado (fezimento costumo dormir de camisa de meia e calças de enhar), e corro, julgando que pegava fogo na casa,

ou que a cachorrinha da vizinha (entre parenthesess, eu tenho uma vizinha, que por seu turno tem uma cachorrinha) morria de coavulções.

Abro a porta, e dou... Adivinha com quem?... Com o moleque do meu compadre Tinoco, o qual me entrega uma carta, um papagaio e um embrulho, e parte de carreira sem escutar o que lhe digo.

Fecho a porta e começo a ler o bilhete. Apenas cheguei ao meio, dei um pulo como se tivesse visto um fantasma, ou se me tivessem pedido dinheiro emprestado, que são as duas únicas causas que me assustam.

Eis o que continha o maldito bilhete:

« Compadre e amigo.

« Atacado de um terrível spleen, estou decidido a seguir o remédio aconselhado por todos os médicos, passados, presentes e futuros, de todas as faculdades conhecidas, sem exceptuar a de Schang Cai (na China) e Typ-Bú (no Japão) como o único capaz de evitar o suicídio, que quasi sempre é o desfacho desta fatal molestia; desfacho agradável e de muito efeito nos romances e comedias, mas que na realidade da vida, tem seu tanto ou quanto de estúpido.

« Vou, pois, fazer uma viagem à roda do globo, e confiado na sua amizade, importuno-o, enviando-lhe o meu papagaio, que espero tratará com toda a delicadeza, e encarregando-o de escrever em meu lugar as *Ratices da semana*, para o *Rabugento*.

« Adeus.

« Seu compadre,

« Tinoco. »

« N. B. Envio-lhe uma espiga de milho para o papagaio e papel em branco para a revista. Escreva-me para Valença. »

Por mais de um quarto de hora permaneci

“mudo e quêdo.”

« E junta de um penedo outro penedo. »

e ainda a esta hora assim estaria se o amavel bichinho do meu compadre me não despertassem com uma tremenda bicada em um dedo. Quasi commetto um papagacido!

Mandei ao diabo o compadre, o papagaio, o *Rabugento*, e creio mesmo que os leitores das *Ratices* (do que peço humilde desculpa), e puz-me a scismon de que maneira havia de dar conta da incumbeça. Quando ia perdendo a esperança de encontrar um expediente, começo o papagaio a cantar o seguinte:

« Viva Garibaldi

Papa macarroni.

Viva Garibaldi

Rei de lazzaroni. »

Dá cá o pé. Currupá, pá, pá.

Esta voz fanhosa parecia-me um coro de anjos!.. Tive uma idéa... estava salvo!...

Ahenoado compadre que me mandas-te o papagaio.

Ele arremedava esses pequenos carcamanos que nos atordoam os ouvidos. Não somos nada neste mundo, disse comigo; um bicho palrador sugerir idéas a um homem de talento como eu sou (seja dito sem modéstia)! Dito e feito; sentei-me a uma mesa, coloquei as tiras de papel diante de mim, li as folhas diárias da semana, e... fiz o que muitos têm feito antes e o que outros farão depois de mim, tornei-me gralha decorada com penas de pavão. Sem seguir ordem cronologica abri vinte e nove folhas e comecei e caia a responsabilidade sobre o compadre Tinoco, que me metteu em camisas de onze varas.

Começo pelo espectáculo dado por Arthur Napoleão à benefício dos Asyles da Infância Desvalida de Portugal. O público fluminense correspondeu com entusiasmo ao generoso convite do jovem pianista. O theatro esteve literalmente cheio. Arthur Napoleão excedeu-se; o seu reconhecido talento, inspirado nesse dia pelo genio da caridade, fez maravilhas. A companhia do Athénée, a quem coube a parte dramática do espetáculo, houve-se como de costume, isto é, bem. Achava-se deslocada e por isso não agradou tanto quanto costuma quando representa em S. Januario. Fez-me recordar o antigo risão « Não dansar senão ao pé da papeleira. »

A caridade é a primeira das virtudes christãs, o beneficio que se faz ao proximo tem em si mesmo a recompensa. Ainda que seja pago com a ingratidão, fica a satisfação intima no coração generoso, quando alivia algum sofrimento.

A caridade não é estéril, e um bello exemplo de reconhecimento é sem dúvida o que deram os alumnos do Instituto dos Meninos Cégos no dia 29 do corrente, aniversario natalicio do seu director.

Essas pobres crianças, em quem a vista da alma supre a do corpo, compunha m para festear esse dia uma comédia ornada de musica como é tudo —*Os festeiros da primavera*—e com a qual causaram num agradável surpresa á seu benfeitor.

Publicou-se o segundo volume do —*Panorama do Rio de Janeiro*— pelo Sr. Dr. Moreira de Azvedo, obra de muito valor para quem quiser conhecer a historia dos principaes edifícios da capital do império.

E' com livros como este, alegre e instructivo, que se difunde entre o povo o gosto pela leitura e o desejo de instrução. Ojalá que assim losem tão rares!

Hoje que a hydra reaccionaria sufocada pelo espírito progressista do seculo, procura debalte, levantar o colo, devem-se registrar com prazer todos os factos, que directa ou indirectamente possam contribuir para o enraizamento das ideias liberais. Neste caso está o censurado do jovem rei de Portugal com a filha de Victor Emmanuel. Esta união apertando os laços que unem as duas nações constitucionais, é um golpe fatal para aquelles que contavam talvez com Portugal para o triunfo dos principios retrogrados.

Os portuguezes e italianos residentes no Rio de Janeiro não podiam deixar de acoller com júbilo esse faustoso acontecimento. Reunindo-se os presidentes das Sociedades portuguezas, com alguns italiani nos distintos, resolveram nomear uma commissão mista encarregada de dirigir os festejos que pretendem fazer por essa occasião.

A propósito dos membros portuguezes já eleitos para essa commissão tenho ouvido alguns reparos que me levam a crer que não houve o necessário discernimento na escolha.

A companhia do Athenéu acaba de perder dois actores de talento. Um é o Sr. Cardoso, que se retira para fora a tratar de sua saúde, e cuja falta será sobremaneira sentida apesar do que dizem certos *difficiis*; o outro é o Sr. Montinho, que, diz o anuncio, vai ser empregado no *Futuro*. Parodiando as palavras com que o Sr. Xavier de Novais fecha um artigo que escreveu no primeiro numero daquele jornal, desejo ao Sr Montinho que —desse *Futuro* com F— grande lhe resulte um grande futuro, com f—pequeno.

A época é deazar para as companhias dramáticas. Da do theatro de S. Pedro desligou-se igualmente um actor. Obrou com prudencia, porque, depois que apareceu o Sharp do Circo Grande do Oceano o gênero baixou.

No domingo foi à sessão no Gymnasio o drama *Lusbelo*, original do Sr. Dr. Macedo. O nome do seu illustre autor merece-me tanta consideração, e são tão fálieis as impressões de uma primeira representação, que nada direi sobre o seu merecimento e desempenho, guardando para mais tarde apreciar a justiça dos prós e contrás que por aí correm a respeito do drama.

Por falar em teatros, vou apresentar algumas duvidas que a certo tempo a esta parte me tem tirado o sono. Preencherá o Lycée Dramatico o fim a que se propõe? Todos os matriculados em suas aulas estarão no caso de comprehender o que lhes ensinam. Não seriam necessários alguns preparatórios? Pode-se vir a ser bom actor sem saber falar? Vou mandar estas perguntas ao compadre Tineco, que entende da matéria.

A companhia do Circo Grande Oceano retirou-se levando o seu indispensavel secretario, o Sr. W. T. B. Van Orden Junior, autor desses maravilhosos anuncios e programas de espetáculo, que por mais de um mes fizera as delicias do publico desta boa cidade.

Felizmente, para os amantes do teatro, ficaram imitadores e entre elles o mais distinto e com dúvida o Sr. Charnomme, que na segunda feira 29, anno passado da sua feliz chegada no Brasil, ofereceu um espetáculo ao illustrado publico pagante, já se sabe, E' bem lembrada, foi dia de vertejo em Jerusalém.

A propósito de *puffs*.

A direcção do Gymnasio agradeceu ao respeitável publico os aplausos *delirantes* que lhe dispensau por occasião das duas primeiras representações da *Lusbelo*, e anunciou que muitos cavalheiros se tinham dignado transpor os umbrais do sanctuário dos bastidores. Seria para applaudir de arrepiar?

Não é com vinagre que seapanha moscas.

Dizem que os franceses são levianos por excellencia; cá e lá más fadas há.

No domingo...

« Não sei de nojo como o canto » tocava no Passoio Publico a musica do 1º batalhão de infantaria, com grande escândalo das verdades erantes, sem respeito pelas cinzas ainda quentes do admiravel paixão-vaca, nem consideração à immensa dor em que se achava mergulhada o sou inconsolável e fiel espóuse. E' a sorte de todas as grandesza desse mundo; enquanto presentes, respeito e veneração; depois de passadas, escarneio ou esquecimento.

« Todos os meios são bons para conseguir o illi. » Os seguidores desta maxima são quasi sempre forçados a praticar grandes inconveniencias.

Com o fim bem claro de hostilizar a illustrissima camara municipal, aventureu-se ha dias pela imprensa uma questão em que foi —olvido o nome do fumado Sr. Paula Brito. Senão profundamente que a memoria do illustre parisiota, que só devia merecer consideração e saudosa lembrança e seus conciliabulos, fosse arrastada para uma questão pequena, a pretexto de defender interesses de herdeiros, que foram os primeiros a desaprovar esse acto. Não pretendo defender a camara, que se o caso de den como contam, deve fazer penitencia, o que eu não queria era que para aggredi-la se revolvessem as cinzas dos mortos.

Por uma serie de consequencias mais ou menos logicas tenho chegado ao resultado de que a presente camara municipal desta muito heroica cidade de S. Sebastião e a camara uns sindic que se poderia desejar.

Eis o caso:—Dizem os más linguas que os artigos pró e contra os actos da illustrissima, que apparecem todos os dias nas folhas diarias, são da lavra dos proprios vereadores ou de seus acolytos; ora como todos esses artigos vêm sempre firmados com o nome de um grande sabio ou legislador, como seja Solon, Licurgo, Confucio, Catão, etc., daimos o embacio aos felizes habitantes deste feliz municipio, para quem de certo vai começar a idade de ouro, salvo se detrás de todos estes nomes se esconde o banal agolado de algum illustre guarda-resso.

Sr. redactor, acabou-se o papel que o compadre Tineco me mandou, e por isso fago pé nas noticias; se os leitores não ficarem satisfeitos digam-lhes que se as querem melhor, fabriquem-as á sua vontade.

O CONTADOR DO TEATRO.